

## **Resenha: Dicionário Temático do Ocidente Medieval\***

*Cybele Crossetti de Almeida\*\**

Há algumas décadas os estudos medievais vêm cativando cada vez mais o público leitor brasileiro. Não apenas estudantes e especialistas, mas também o grande público lê e compra obras dos autores mais conhecidos como Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, Carlo Ginzburg – para destacar apenas alguns grandes nomes internacionais. Este crescente interesse pelo período medieval tem lançado uma grande quantidade de obras no mercado editorial. Mas nem sempre é possível obter uma obra que reúna fôlego e qualidade como o dicionário organizado pelos historiadores franceses Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. O Dicionário Temático do Ocidente Medieval conta com a participação de nomes de peso da historiografia contemporânea como Bernard Guenée, Alain Guerreau, Chistiane Klapisch-Zuber, Otto Gerhard Oexle, Jacques Verger entre outros, muitos destes autores infelizmente ainda não traduzidos para o português. Assim, o dicionário, além da sua função básica como obra de consulta para aula e pesquisa serve para divulgar autores importantes mas ainda desconhecidos do grande público. Suas 1.316 páginas - distribuídas em 82 verbetes - oferecem um instrumento de qualidade para pesquisadores, professores, estudantes e interessados na idade média. Cabe ainda destacar a tradução primorosa da equipe coordenada pelo professor Hilário Franco Júnior (USP), formada por especialistas em estudos medievais dentre eles nosso colega da UFRGS, professor José Rivair Macedo.

Mas analisar uma obra tão significativa e volumosa através de uma resenha em um espaço exíguo de texto exige que se faça cortes, o que não é uma tarefa simples. O autor da resenha vê-se diante do dilema da escolha, já que - ao contrário do que ocorre com os livros em geral - é impossível fazer um resumo crítico de *toda* a obra. Assim optei por destacar alguns verbetes em particular, cujo interesse extrapola o público tradicional de historiadores podendo interessar também ao jurista, ao filósofo, ao arquiteto, ao público em geral.

Um dos méritos da obra é sua estrutura que, ao contrário da maior parte dos dicionários históricos, aprofunda conteúdos ao invés de oferecer apenas a versão simplificada - e, por isso, necessariamente empobrecedora - de fenômenos complexos. Um ótimo exemplo disso encontra-se no verbete DIREITO, tema que os historiadores europeus vem redescobrimo e renovando nas últimas décadas e que no Brasil ainda ocupa um lugar marginal. O texto é de

Jacques Chiffolleau, um dos medievalistas mais interessantes das últimas décadas. Neste verbete Chiffolleau não procura enganar o leitor e inicia afirmando que este é um tema "difícil de interpretar" (vol. I, p.333), apesar da sua importância central para a história em geral e para a idade média em particular. O autor conceitua e discute o papel do direito e menciona as dificuldades técnicas do trabalho com o tema. Mas também alerta para o fato que direito, política e sociedade são inseparáveis. Assim, a discussão sobre o direito na idade média é entremeada pelas concepções que consideram maior o peso da herança romana ou germânica, retomando algumas das discussões historiográficas - e também jurídicas - mais importantes desde o século XIX. Ao discutir os "costumes e as leis" o autor mostra o papel central desta discussão para a realidade medieval, uma civilização na qual predominava inicialmente a cultura oral e o que o autor designa o "império do costume" e que – apenas lentamente, graças à influência do direito romano bizantino e do direito canônico – vivenciou uma alteração radical destes costumes com a introdução e difusão da lei escrita, base da maior parte do direito moderno. Sobre a importância desta discussão finaliza afirmando que: "O direito medieval contribuiu para edificar a nós mesmos, apesar das transformações mais recentes, ainda mal identificadas, às vezes inquietantes, com frequência surpreendentes, do nosso próprio sistema normativo" (vol. I, p. 349).

O direito também é fundamental para a compreensão de outros temas fundamentais da idade média, tais como CIDADE, CAVALARIA, FEUDALISMO etc. Ao lado destes temas consagrados o dicionário inclui verbetes como "BIZÂNCIO E O OCIDENTE" e "BIZÂNCIO VISTO DO OCIDENTE", nos quais um pouco da história e do legado deste grande império, herdeiro do império romano, é apresentada a um público que - com exceção dos especialistas - geralmente o desconhece, apesar da sua importância para a compreensão da própria civilização ocidental. Nossa própria sociedade é, em grande parte, fruto do legado bizantino, pois o direito romano redescoberto na idade média foi aquele compilado e ampliado pelo imperador bizantino Justiniano (527-565). A cidade grega de Bizâncio - refundada em 330 pelo imperador Constantino com o nome de Constantinopla - foi durante a maior parte da idade média a maior cidade da cristandade, centro de um império que segundo o Cruzados, detinha dois terços da riqueza do mundo. Compreensível portanto que o ocidente - cujas cidades só voltariam a se expandir lentamente a partir dos séculos X e XI - olhasse com reverência e inveja para Bizâncio e que o império olhasse com desdém e desinteresse para o ocidente, tal como lemos nos verbetes de Michel Balard e Alain Ducellier<sup>1</sup>. As rivalidades

entre o ocidente e o império bizantino deviam-se a questões religiosas e políticas. Carlos Magno, coroado como imperador do ocidente no natal de 800, foi visto como um usurpador do título imperial e apenas em 812 - dois anos antes de sua morte - o império bizantino (antiga *pars orientalis* do império romano) reconheceria o seu título. A tentativa dos bizantinos de preservar seus territórios na Itália criou atritos com o papado e mais tarde com os normandos, culminando com a rebelião de Veneza, que de súbita fiel do império até o século XI tornaria-se a líder dos ataques ocidentais contra o império, que culminaram na IV Cruzada de 1204.

Mas Veneza - assim como Gênova e Pisa - suas rivais na luta por mercados e privilégios no império bizantino beneficiou-se da proximidade e do contato com o império. O caráter excepcional das cidades italianas frente às demais cidades do ocidente medieval, tal como destacado por Le Goff no verbete CIDADE - e ponto de concordância entre todos os historiadores - deve-se não apenas à "uma certa continuidade com a Antigüidade" (vol. I, p. 225), mas também à proximidade e permanência do contato com o império bizantino ao longo da idade média. Dentre as obras deste que é um dos maiores especialistas no estudo da idade média destacam-se seus trabalhos sobre a cidade medieval. Neste verbete Le Goff não se restringe a repetir velhos temas e noções anteriormente trabalhadas, mas enriquece uma discussão clássica com novos problemas como a topografia urbana, símbolo de uma nova sociabilidade, que permite à cidade tornar-se "lugar de múltiplas solidariedades" (vol. I, p. 225) e institucionalizar novas relações de poder (vol. I, p. 226). É bastante interessante também o cruzamento deste tema clássico da historiografia político-econômica com questões mais recentes da história das mentalidades. O autor preocupa-se em analisar as atitudes frente à cidade, que resume como o desprezo e o medo, a cobiça e a idealização (vol. I, p. 226) inserindo-as no contexto mais amplo - rural e feudal - do qual faziam parte. Aborda também a questão da tomada de consciência da elite e da comunidade urbana em geral que redundou no "louvor às cidades [que] torna-se um gênero literário" (vol. I, p. 226). Assim, seguindo um modelo que vem de Roma e da Antigüidade, "as cidades adquirem origens míticas. Aos santos padroeiros, acrescentam-se heróis fundadores" (vol. I, p. 226-227). A partir do fim do século XII a igreja se rende às cidades: com as Ordens Mendicantes (vol. I, p. 231) o ideal monástico deixa de estar restrito ao campo e ganha - e é ganho - pelas cidades, estes centros dinâmicos da economia medieval, nos quais irá florescer em meio a um período de críticas, heresias e turbulência. Em parte podemos dizer que se a igreja medieval conseguiu sobreviver a este período e renovar-se foi graças a estas novas ordens e a contribuição dos cidadãos que

"forneceram santos e santas" (vol. I, p. 231) à igreja tornando-a menos rígida, mais próxima da população. Assim, se inicialmente o cristianismo modificou a estrutura urbana herdada da Antigüidade trazendo o cemitério para dentro das cidades, promovendo a "urbanização dos mortos" e desta maneira "domesticaram a morte" (vol. I, p. 220), no final acabou sendo modificado por ela, prova da força das cidades medievais.

E por fim, para finalizar esta resenha, nada mais apropriado do que falar do verbete MORTE E MORTOS. O texto de Michel Lauwers une autores clássicos como Philippe Ariès à abordagens mais recentes como as de Jean-Claude Schmitt lembrando que a "periodização das atitudes do homem diante da morte" (vol. II, p. 243) do primeiro foi aprofundada e complementada pelo interesse "pelas produções culturais suscitadas pela morte: ritos funerários, formas de luto, concepções e crenças relativas ao Além" (vol. II, p. 243) de gerações mais recentes de historiadores, entre eles o próprio Le Goff com seu estudo sobre o purgatório (vol. II, p. 243). Importante também é o fato que Lauwers demonstra com grande erudição as modificações sofridas por estas concepções e rituais ao longo da idade média, que de modo algum teve uma concepção uniforme a respeito da morte e dos mortos ao longo dos seus mil anos de história.

### **Notas:**

- \* Resenha para o caderno de cultura do jornal Zero Hora (20/07/2002, sábado - caderno de cultura). Porto Alegre: LE GOFF, Jacques/SCHMITT, Jean-Claude (Org.), Dicionário Temático do Ocidente Medieval, Imprensa Oficial de São Paulo/ Edusc, 1.316 págs., 2 vols..
- \*\* Profa. Depto. de História/UFRGS - Coordenadora do GT de Estudos Medievais, ANPUH-RS ([www.grupodeestudosmedievais.cjb.net](http://www.grupodeestudosmedievais.cjb.net))
- 1 Que, juntamente com MICHEL KAPLAN e BERNADETTE MARTIN escreveu um ótimo manual, disponível em português: A idade média no Oriente: Bizâncio e o Islão dos bárbaros aos otomanos. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.